





**LEO PERUTZ**  
**O CAVALEIRO SUECO**



**LEO PERUTZ**  
**O CAVALEIRO SUECO**

romance

Tradução do alemão  
**Lumir Nahodil**



cavalo de ferro

Título original: Der Schwedische Reiter  
© Paul Zsolnay Verlag Wien 1936 e 2002  
© Cavalo de Ferro, 2015, para a presente edição

Revisão: Cláudia Chaves de Almeida  
Paginação: Finepaper, Lda.  
ISBN: 978-989-623-212-2  
1.ª edição, Novembro de 2015

Direitos para língua portuguesa (Portugal) adquiridos por:  
© Cavalo de Ferro, marca propriedade de Theoria, Lda.  
Rua das Amoreiras, 72 A  
1250-024 Lisboa

Quando não encontrar algum livro da Cavalo de Ferro nas livrarias,  
sugerimos que visite o nosso *site* [www.cavalodeferro.com](http://www.cavalodeferro.com)

## RELATO PRELIMINAR

Maria Christine, nascida von Tornefeld, enviuvada von Rantzau, tendo contraído segundo matrimónio com o conselheiro real de Estado dinamarquês e ministro plenipotenciário Reinhold Michael von Blohme, uma beldade muito cortejada nos seus jovens anos, como quinquagenária, pelos meados do século XVIII, escreveu as suas memórias. Esta pequena obra, a que ela deu o título *Retrato rico em cores e figuras da minha vida*, só foi dada ao prelo algumas décadas após a sua morte. No início do século XIX, um dos seus netos tornou-a acessível a um público limitado.

Esse título algo pretensioso, o livro não o assume de um modo inteiramente injustificado. A autora viu, num tempo agitado, uma porção considerável do mundo, acompanhou o seu consorte, o conselheiro de Estado dinamarquês, em todas as suas viagens e até foi parar a Isfahã, à corte do famigerado Nadir Xá. Encontramos nas suas memórias bastante material que também desperta o interesse do leitor de hoje. Por exemplo, num dos primeiros capítulos, um impressionante relato sobre a expulsão dos camponeses protestantes do arcebispado de Salzburgo. Num capítulo posterior, a autora relata a sublevação dos copistas de Constantinopla que tinham perdido o seu ganha-pão devido à fundação de uma tipografia. Sabe narrar a actividade dos benzedores em Reval e a repressão violenta desta seita de fanáticos de uma forma muito plástica. Para utilizar as suas próprias palavras, foi em Herculano que ela viu as primeiras «descobertas feitas debaixo da terra, estátuas e baixos-relevos esculpidos em mármore», sem, no entanto, tomar consciência da importância

desses achados, e, em Paris, fez-se transportar por uma carroça que, «sem cavalos, só pelo seu próprio movimento interior», percorreu onze milhas francesas e meia em menos de duas horas.

Também entrou em contacto com alguns dos mais notáveis espíritos do seu século. Num baile de máscaras em Paris travou conhecimento com o jovem Crébillon — parece que durante um breve intervalo foi sua amante. Com Voltaire teve uma longa conversação numa festa maçónica ocorrida em Lunéville, e alguns anos mais tarde voltou a encontrá-lo em Paris, no dia em que se tornara membro da Academia. Entre os seus amigos também se contaram alguns vultos da ciência, tais como o senhor de Réaumur e o professor de física experimental, o senhor van Musschenbroek, que inventou a garrafa de Leiden. E não deixa de ter graça a história do seu encontro com o «famoso Mestre de Capela, o senhor Bach de Lípsia», que ouviu tocar órgão em Maio do ano de 1741 na Igreja do Espírito Santo de Potsdam.

A impressão mais forte, porém, é aquela que o leitor recebe daquela parte do livro em que Maria Christine von Blohme, em palavras exaltadas, mas quase poeticamente ternas, evoca o pai que cedo lhe foi arrancado — a quem ela chama o «cavaleiro sueco». O seu desaparecimento da vida dela e as peculiares e contraditórias circunstâncias em que se produziu esse trágico evento lançaram uma sombra sobre os anos da sua juventude.

Maria Christine von Blohme nascera, de acordo com o seu relato, na herdade dos seus pais na Silésia, e toda a nobreza dos arredores tinha marcado presença para a receber neste mundo. Do seu pai, do «cavaleiro sueco», guardava somente um difuso retrato na sua memória. «Tinha uns olhos medonhos», diz, «mas quando ele me olhava, sentia-me como se o céu por cima de mim estivesse escancarado».

Quando Maria Christine tinha seis anos, ou talvez um pouco mais, o seu pai abandonou a sua fazenda para rumar à Rússia e para se alinhar «sob os funestos estandartes de Carlos XII», o rei dos suecos, cuja fama corria mundo por essa altura. «O meu pai era de ascendência sueca», escreve, «e as súplicas e lamentações da minha mãe não conseguiram demovê-lo».



Mas antes de ele abalar, montado no seu cavalo, a criança cosera secretamente um saquinho com sal e terra no forro do seu casaco. Fê-lo a conselho de um dos seus dois palafreiros que lhe tinha recomendado este como um meio comprovado e infalível de amarrar duas pessoas uma à outra para todo o sempre. Destes dois palafreiros de Sua Senhoria von Tornefeld ainda se voltará a falar num trecho posterior do livro: Maria Christine von Blohme conta que foi com eles que aprendeu a praguejar e a soprar no berimbau, mas que a arte referida em último lugar de nada lhe tinha servido na vida.

Algumas semanas depois de o seu pai ter partido para se juntar ao exército sueco, a pequena Maria Christine foi acordada de noite por alguém que tocava às portadas da janela. Inicialmente pensou tratar-se «do Herodes, uma espécie de rei de conto de fada ou dos fantasmas», que tantas vezes temera encontrar de noite. Mas era o seu pai, o «cavaleiro sueco». Não ficou admirada, sabia que ele deveria voltar, o sal e a terra obrigavam-no a ir ter com ela.

Perguntas sussurradas, palavras ternas pronunciadas em voz baixa, faziam o vai e vem entre os dois. Depois ambos se calaram. Ele segurou o rosto dela entre as mãos. Ela chorou um tanto, movida pela alegria do reencontro, mas também porque ele disse que teria de voltar a partir.

Ficou um quarto de hora e depois desapareceu.

Voltou, mas sempre apenas de noite. Por vezes, ela acordava ainda antes de ele tocar às portadas. Às vezes acontecia ele aparecer duas noites seguidas, outras vezes passavam três, quatro ou cinco noites sem que ele se assomasse. Nunca ficava mais do que um quarto de hora.

Nisto passaram-se meses. Mais tarde, ela tinha dificuldade em explicar o motivo pelo qual a pequena Maria Christine não falou a ninguém, nem mesmo à sua mãe, das visitas nocturnas do «cavaleiro sueco». Não excluía que fosse o «cavaleiro sueco» quem lhe impusesse o silêncio. Também poderá ter temido que não acreditassem na sua palavra, que até se rissem dela e remetessem a sua vivência nocturna para o reino dos sonhos ou da imaginação.

Pela mesma altura em que o «cavaleiro sueco» se apresentava de noite à janela de Maria Christine, estafetas suecos, que vinham da Rússia, do exército, e que mudavam de cavalos na herdade, traziam notícias da sua ascensão no exército sueco.

Pela sua bravura, tinha atraído a atenção do rei e fora nomeado capitão na cavalaria de Westgöta e posteriormente comandante do regimento de dragões de Småland. Na batalha de Golskwa tinha, nesta qualidade, assegurado a vitória às armas suecas pela sua audaciosa intervenção. Após esse evento, o rei tinha-o abraçado e beijado ambas as suas faces diante do exército.

A mãe de Maria Christine estava desgostosa com o facto de «o seu querido e íntimo não lhe ter feito saber *par écrit*» como passava no exército sueco. «Mas», dizia, «em campo não lhe deve ser possível despachar nem mesmo uma linha».

Depois chegou um dia de Verão, um dia de Julho que se gravou na memória da pequena Maria Christine para todo o sempre.

«Foi por volta do meio-dia», escreve ela quarenta anos mais tarde, «a minha mãe e eu estávamos no jardim entre as framboeseiras e as rosas silvestres, lá onde o pequeno deus pagão jazia na erva. A minha mãe trazia um vestido azul lavanda e ralhava com a gata que tinha pilhado um ninho de pássaros. Mas a gata quis brincar com ela e arqueou o dorso, fazendo rir a minha mãe. Aí, de repente, foi informada que um estafeta sueco se encontrava na herdade.

A minha mãe correu para ouvir notícias e não regressou ao jardim. Mas uma hora mais tarde toda a gente na herdade comentava que perto de Poltava tinha havido uma grande batalha, os suecos tinham sido vencidos e o rei estava em fuga. E depois diziam que agora eu já não tinha pai. Sua Senhoria Christian von Tornefeld, o meu pai, teria tombado logo no início da batalha, uma bala tê-lo-ia varrido de cima do cavalo, e já teriam passado três semanas desde que o haviam enterrado.

Não queria acreditar. Pois ainda não tinham passado dois dias desde que ele tocara à minha janela e falara comigo.

Ao fim da tarde, a minha mãe mandou-me chamar.

Encontrei-a na «sala comprida». Já não trazia o vestido azul lavanda, e desde essa hora nunca mais a vi envergar outra coisa que não fosse um vestido de luto.

Pegou-me ao colo e beijou-me. De início não conseguia falar.

— Filha! — disse então com voz de choro. — O teu pai tombou na guerra dos suecos. Não vai voltar. Junta as mãos e reza um pai-nosso pela sua alma fenecida.

Abanei a cabeça. Como podia eu rezar pela alma do meu pai se sabia que estava vivo.

— Ele vai voltar — afirmei.

Os olhos da minha mãe voltaram a encher-se de lágrimas.

— Não vai voltar — soluçou. — Está no reino dos Céus. Junta as mãos, faz o teu dever de criança e reza um pai-nosso pela alma do teu pai.

Como não queria entristecê-la mais com a minha desobediência, rezei, mas não pela alma do meu pai, pois esse estava bem vivo. Vi lá fora na estrada um cortejo fúnebre que vinha a descer a colina. Era apenas uma carreta que transportava o caixão, o cocheiro açoitava o cavalo, e só um único velho, um padre, acompanhava o defunto.

Havia de ser um velho vagabundo que deste modo ia a enterrar. E foi pela alma deste pobre diabo que rezei o padre-nosso e pedi a Deus que lhe desse a bem-aventurança.

O meu pai, porém, o «cavaleiro sueco», conclui Maria Christine von Blohme o seu relato, «não voltou mais. Nunca mais o seu leve toque me acordou do sono. E como foi possível que combatesse e sucumbisse no exército sueco e, ao mesmo tempo, tantas vezes estivesse de pé no nosso jardim a falar comigo e, se não tombou, porque é que nunca mais veio tocar à minha janela — ao longo da minha vida, tudo isto permaneceu um segredo lúgubre, triste e imperscrutável».

**LEO PERUTZ**

Pretende-se agora narrar a história do «cavaleiro sueco».

É a história de dois homens. Encontraram-se num gélido dia de Inverno no início do ano de 1701 no palheiro de um lavrador e tornaram-se amigos. E depois seguiram os dois a estrada que de Oppelen, através da paisagem coberta de neve da Silésia, conduzia até à Polónia.